



A MODELO DO ANO







A MODELO DO ANO

CAROL ALT



Tradução de
ALDA LIMA



Rio de Janeiro | 2010





CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Alt, Carol, 1960-
A463m Modelo de verão / Carol Alt; tradução Alda Luiza de Lima
Ferreira. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.

Tradução de: This year's model
ISBN 978-85-01-8183-4

1. Modelos (Pessoas) - Ficção. 2. Ficção americana. I. Ferreira,
Alda Luiza de Lima. II. Título.

09-4734

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
THIS YEAR'S MODEL

Copyright © 2008 by Altron II, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram
assegurados.

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o
Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-8183-4

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 – Rio de Janeiro, RJ – 20922-970





Prólogo

AEROPORTO INTERNACIONAL JFK
14 de fevereiro
6h19



Achei que estava a salvo um minuto atrás quando passei literalmente correndo em frente ao Cinnabon, mas um estômago vazio consegue realmente enganar o cérebro. Só que agora toda uma série de chocolates, amendoins e diferentes balas pulam por cima do balcão para se exhibir, seduzir e *vender, vender, vender*. Pode-se dizer que são a alta-costura dos doces. Infelizmente, a comida é minha inimiga mortal, e a única coisa de que não posso escapar — ela está em todo lugar! Afasto meu olhar do diabólico arsenal de tentações na Hudson News, sigo em direção às revistas de palavras cruzadas — não preciso de açúcar; preciso de um pouco de sudoku para ocupar minha mente — quando quase colido com uma menina. Alta para sua idade, mas ainda um bebê. Ela me encara e é como se meu conjunto Puma tivesse sido arrancado e estivesse parada ali de biquíni Oasis dourado, aquele que me deixaram levar para casa.





— Ai... Meu... Deus!

Automaticamente olho por cima do ombro, certa de que ela acabou de flagrar um terrorista acionando uma bomba no sapato, quando percebo que sou *eu* quem a fez gritar, e ela parecia realmente emocionada.

— Oi, Mac!

Ela diz meu nome com tanta familiaridade que a olho por um longo momento. Então, envergonhada por não reconhecê-la, pergunto:

— Eu conheço você?

— Me conhecer? Deus, não... Por que *você* conheceria logo *a mim*?

Eu pisco, e então percebo que estou tendo aquele momento. Quando você se encontra diante de uma celebridade e está prestes a se fazer de idiota para conseguir um autógrafa. Exceto que nesse caso, *eu* sou a celebridade. Olho para baixo e encaro meu moletom. Presumo que poderia estar mais bem vestida para isso.

— Não acredito que você está falando comigo! — a garota continua. — Não acredito que *Mac Croft* está aqui parada bem na minha frente! Você é minha modelo favorita! Sei tudo sobre você! E quer saber? Você é tão mais bonita pessoalmente.

— Obrigada. É muito gentil de sua parte. — Eu não tenho certeza se isso foi um elogio considerando que meu trabalho é tirar fotos. Mudando minha pesada mala de mão do ombro direito para o esquerdo, eu a avalio como aprendi a fazer com qualquer mulher acima dos 12 anos. — Ossos do ofício. — Você também é muito bonita.



— Ah, obrigada! Você é *tão* simpática! Meu irmão iria morrer... ele te acha tão incrivelmente sexy. Benfeito pra ele! Eu estava enchendo a paciência dele, então ele me deu dinheiro para comprar revistas para o avião. Eu disse que ele deveria ter vindo comigo! — ela sorri para mim. — Ei, para onde você está indo? Se é que posso perguntar.

Boa pergunta. Para *onde* estou indo?

— Claro, tudo bem — digo, enrolando. Nos últimos dois meses estive num avião 29 vezes; sinto como se estivesse tentando entrar no Guinness. Demoro um pouco, mas finalmente lembro. — Montana. Estou indo para Montana.

— Sério, Montana? Estamos indo para a Califórnia. Nós temos uma semana de folga da escola. Montana não parece muito glamourosa, se não se importa que eu diga.

Glamourosa? Talvez não, mas é um trabalho importante, o tipo que o faria ir para a Sibéria se o cliente quisesse; campanha exclusiva para Mountain, o novo perfume da Calvin Klein. É o tipo de trabalho que eu nunca recusaria, apesar de suspeitar a existência de maneiras melhores de se passar o Dia dos Namorados. Daqui a seis horas, estarei montada em um cavalo, nos braços de um homem — Ivan Gladst, acho que foi o contratado —, cercada pela neve e enfrentando um vento tão frio que deixa pedacinhos de gelo nos cílios. Estarei congelando — não que se vá notar isso nas fotos, mas suponho que sobreviverei quando me derem o cheque de cem mil dólares.

— Ei, posso fazer uma pergunta? — Minha fã (ainda estou me acostumando com a ideia de *ter* uma fã) está usando uma imitação barata de Burberry por cima de calças de pijama enfiadas dentro de botas Ugg sujas, um look tão terrível-



mente errado, mas ao mesmo tempo tão doce, que tenho vontade de afagar sua cabeça. — Você acha que eu poderia ser uma modelo? Pode ser honesta.

— Claro — digo. — Você tem boa estrutura óssea, um lindo cabelo. Quantos anos tem?

— Treze. Já estou com 1,72m, e ainda não parei de crescer.

— Aposto que trabalharemos juntas muito em breve. — O engraçado é que não estou mentindo. Ela me lembra a menina que conseguiu aquele anúncio para a Juicy Couture. — Qual é o seu nome?

— Eca, Shyla. — Ela balança a cabeça e finge um ar de sofisticação que não se encaixa. — O *que* meus pais estavam pensando? Eu pretendo mudá-lo um dia.

— Por quê? Nomes diferentes são a última moda no meio — digo.

Ela sorri, virando uma criança novamente.

— Ei, posso pegar seu autógrafo, Mac? Estou com a *Sports Illustrated* bem aqui.

E ali estou eu, em toda a minha glória — artificialmente bronzeada, o que fez até a cicatriz no meu antebraço direito sumir, o cabelo uma massa meticulosamente embaraçada, o biquíni Oasis molhado definindo cada curva.

— Puxa, Shyla, quer saber? Nem vi a revista ainda — admito. — Acabo de chegar da Europa e...

— Não acredito! Você está na capa, está tão fabulosa e ainda nem viu! — Shyla absorve a inacreditável verdade. — Estou tão feliz de terem escolhido você para a capa em vez de alguma celebridade brega, tipo a Beyoncé ou sei lá mais quem. *Você* é uma supermodelo. E tem o melhor corpo... ai,



desculpa, não quis dizer isso de um jeito gay. Espera, aqui está uma caneta. Caramba, isso vai ser um item de colecionador!

Ando um pouco mais para o canto, tentando não dominar toda a loja com meu primeiro momento aleatório de celebridade.

— Então, Shyla. Escreve-se S-H-Y-L-A? — pego a caneta — Você quer saber o que é irônico? Quando tinha sua idade eu gostava muito de jogar tênis. Eu até sonhava em estar na capa da *Sports Illustrated*, mas nunca imaginei que seria *assim*.

— Verdade? Quer dizer que nem sempre quis ser modelo? Isso é *tão* interessante! Ah, queria que você estivesse no nosso avião para Los Angeles. Poderíamos sentar juntas e você me contaria tudo sobre a Semana da Moda e as coleções europeias. — Shyla suspira. — Mas também, você provavelmente viaja de primeira classe.

Hoje vou viajar na primeira classe, cortesia da Calvin Klein. Mas trabalhei muito para chegar aqui. Ela ficaria chocada ao descobrir que não é assim para todas as modelos e que até hoje, depois de meses na luta, passando fome e batendo perna em busca do próximo trabalho, ainda me encontro na classe econômica quando o cliente não pode dar um *upgrade* na passagem. Se o trabalho tiver prestígio *suficiente*, eu iria encaixada no bagageiro do avião se fizesse a diferença entre conseguir o trabalho ou não. Devolvo a revista e a caneta para ela, olho em volta, tento pegar minhas coisas, lembrar em qual portão é meu embarque e imagino se vou conseguir pegar uma revista de palavras cruzadas antes de anunciarem o pré-embarque para clientes da primeira classe.

— Mac, muito, muito obrigada.



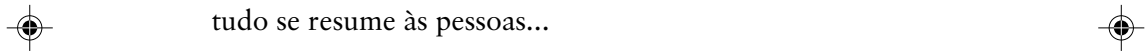
Shyla olha minha assinatura, segura a revista junto ao peito.

— Você é tão incrivelmente gentil. Posso fazer só mais uma pergunta?

Sim, por favor, que seja a última. Odeio ser grosseira, mas já começo a entender porque a maioria das celebridades viaja disfarçada. Se eu ficar aqui mais tempo, nem na classe econômica vão me deixar voar, pois vou acabar perdendo o voo.

— Qual a melhor parte de ser uma supermodelo?

— Hummm... Uau... É difícil dizer. — E é verdade, apesar da subida meteórica e tudo, ainda sou nova na profissão. Claro, meses podem ser como anos no mundo da moda. Olho para Shyla. A menina olha para mim como se eu estivesse prestes a revelar o verdadeiro sentido da vida. — A verdade é que é como qualquer outro trabalho — continuo —, no final tudo se resume às pessoas...





Um

MORRISTOWN, NOVA JERSEY

Oito meses antes...

— Bem-vindo ao Porter House, senhor. Sou Melody Ann, e vou servi-lo esta noite. — Sorte minha: homem de meia-idade, bem vestido, jantando sozinho. Talvez ele até peça uma garrafa de vinho, o que vai aumentar bem a conta. Já começo a calcular a gorjeta.

— Não... — diz ele.

“Não”? O que ele quer dizer? Não é como se ele pudesse escolher. Se você senta-se à mesa oito numa quarta-feira à noite, sou eu quem vai servi-lo.

— Esse avental não é uma distração fetichista *trompe l'oeil*? — Meu cliente solitário tira os óculos escuros e me olha de um jeito tão estranho, que de repente me sinto envergonhada. É quase como se ele estivesse... me pesando, imaginando quando vale cada quilo. — Miu Miu não está reinventando poliéster preto e branco essa temporada?





Eu nem consigo entender o que ele quer dizer. Talvez não tenha tido tanta sorte. Talvez eu tenha um louco na mesa oito. Loucos não dão más gorjetas necessariamente, mas eles realmente fazem você se esforçar.

— Como?

— Caramba, se eu não soubesse que estamos em alguma cidadezinha a uma hora de Manhattan, juraria que você estava andando numa passarela no Bryant Park agora mesmo. Na verdade, você é bem graciosa para uma menina da sua altura. A maioria das modelos é desengonçada até aprenderem a andar — diz ele. — Então, você é mesmo uma garçonete?

Eu sorrio, ainda tentando diverti-lo.

— Devem ter sido todas aquelas aulas de balé a que minha mãe me levava quando criança. Vou encaminhar seus elogios. Enquanto isso, sim, eu realmente sou uma garçonete, apesar de nós preferirmos o termo sem gênero definido “atendente”. É mais profissional, não acha? Posso lhe trazer uma bebida?

— Acho seu sorriso deslumbrante, simplesmente deslumbrante. E, sim, vou querer uma cerveja.

— Do barril nós temos Amstel, Beck’s...

— Surpreenda-me. Confio em você. E escute, não estava brincando, você é realmente uma beleza.

— Obrigada. Já volto com sua cerveja.

Eu me apresso para fazer seu pedido. O que eu sei sobre cervejas? Provei duas vezes, e a segunda tentativa nem era necessária. Charlie, o barman, é legal; e solidário quando reclamo da mesa oito:

— Ele me disse para surpreendê-lo.

Charlie ri, e puxa a torneira.



— Bom, posso cuspir na bebida se quiser. Aposto que isso vai ser surpreendente.

Depois de recusar a oferta de Charlie, volto com a cerveja, passando rápido pelo grupo de cinco na mesa seis. É uma família — deve ser uma ocasião especial. Morristown não é uma cidade chique; o Porter House não é o melhor restaurante que temos, mas é acessível para uma família. Mais barato que isso só um *drive-thru*. Duas das crianças estão brigando para ver quem tem mais batatas fritas. Quando eu passo, o pai me pede molho, e eu digo que é pra já.

De volta à mesa oito, Sr. Doido diz:

— Então... é... Melanie, não?

— Na verdade, é Melody. Melody Ann. Nossos pratos especiais esta noite...

— Você é o especial.

Ele se acha tão esperto, qual a palavra?... *agradável*. Vai ser uma longa noite.

— Estive observando você, como se movimenta. Aque-
las aulas de balé valeram a pena. Você realmente tem muita presença.

— Bom, *senhor*... Não estou no cardápio. Mas temos uma maravilhosa sopa de mariscos New England. Eu recomendo, é deliciosa — continuo. — Como aperitivo temos cogumelos recheados, e a sugestão do dia é mahi-mahi grelhado com molho cítrico.

— Como não escolher a sopa de mariscos depois da sua propaganda? — ele me encara, devagar e calmamente. — “Deliciosa”, você mesma disse.

Eca, penso eu.



- E traga um filé mignon ao ponto.
— Pode deixar.

A cozinha está uma loucura, uma loucura no inferno — chamas pulando da grelha, molhos tentando escapar de panelas, cozinheiros brigando com garçons, o gerente prestes a começar um motim contra os *sous-chef*. Desejo pela milésima vez ter prendido meu cabelo antes de chegar aqui, mas o elástico estava tão velho que arrebentou. O cabelo é meu ponto forte, acho, mas é difícil conviver com ele. O único motivo de usá-lo longo é porque assim não preciso *fazer* nada; garotas com cabelo mais curto estão sempre às voltas com produtos e secadores. Meu único trabalho é achar um bom condicionador. Uso o primeiro xampu que acho pela frente. Geralmente sabonete mesmo, afinal meus irmãos sempre acabam com tudo o que é bom. Meu cabelo é tão fácil de cuidar que nem me lembro de comprar elásticos. Talvez eles tenham algum elástico de borracha normal no escritório ou no caixa...

Saio com os pedidos da mesa sete, que precisa de mais *sour cream* e pão, e refis de refrigerante. Sim, sim, sim. Salário mínimo numa loja qualquer no shopping parece bem mais atraente neste exato momento. Melhor afastar esse pensamento da cabeça, pelo menos aqui ganho gorjetas, e para onde vou preciso de dinheiro de verdade. É um milagre ter conseguido esse emprego sem ter experiência. Mas se eu não conseguisse o milagre, teria algo melhor: um contato. O dono do restaurante lembrou quando meu pai, que é bombeiro, salvou o cachorrinho de sua família. Teve um incêndio em sua casa, por sorte não houve muito dano, mas quando papai descobriu o filhotinho encolhido embaixo do sofá, ele





virou um herói instantâneo... E terminei com um emprego. Não deveria reclamar do trabalho. Só estou aqui há duas semanas, vou pegar o jeito. Volto ao inferno para checar se o pedido da mesa oito está pronto.

Prato na mão, volto para a mesa menos desejável da noite.

— Seu bife, senhor

— Pare com o “senhor”. Me sinto velho — reclamou o mesa oito. — Sou Jonathan Novak. Já ouviu falar de mim?

Jonathan Novak? Eu olho para ele, realmente *olho* para ele, pela primeira vez. Nossos olhos se encontram, e depois de um tempo é ele quem desvia o olhar.

— Você provavelmente pensa que sou um assediador vulgar.

Ele parece tão humilde de repente.

— Ah não, eu não pensaria isso... Bom, talvez por um segundo.

— Não sou um assediador maluco. Sou fotógrafo. Só estou aqui para visitar a família em Cleveland, mas sabe como é: voo cancelado, carro alugado. Pensei em voltar direto à civilização, até a fome aparecer.

Civilização? Por acaso eu pareço a Pedrita Flintstone?

— Você veio ao lugar certo então — digo, arrogante. — O Porter House é um ótimo restaurante. Bom apetite. — E volto ao trabalho.

A cozinha fecha às 22 horas. Não estou usando relógio — não me sinto confortável com acessórios —, mas meu relógio biológico me diz as horas. Estou ansiosa para chegar em casa, tomar um banho e levar meu telefone para a cama. Eric deve ligar hoje. Desde que meu namorado foi estudar na Universidade de Notre Dame no ano passado, nós temos



nos falado com bastante frequência. Mas com as provas finais dele e meu emprego de garçonne, não nos falamos há quase duas semanas.

Felizmente, o Porter House esvazia rápido, a maioria das pessoas por aqui come cedo. Mas o mesa oito está demorando, falando no celular. Finalmente, quando o ajudante vai encher seu copo, Jonathan Novak abana com desdém as mãos para o prato. Ele comeu talvez um terço da carne, e não quer levar as sobras para casa. Por mais que eu o queira fora daqui, a interação final entre garçonne e cliente é crucial — se eu quiser uma bela e gorda gorjeta, claro.

— Gostaria de ver nosso cardápio de sobremesas?

— Deus, estou morrendo. — E ele bate no pano de mesa.

— Eu preferia que não morresse. Seria ruim para os negócios.

— Linda e engraçada! Que combinação! — Nem noto que a mão dele atravessa a mesa até que os dedos alcançam a barra do meu avental. A barra da minha saia está uns 2 centímetros abaixo. Eu dou um passo para trás, um passo pequeno, mas firme. — Não, não, não. Está simplesmente me matando ver você desperdiçando tudo nesse... bordel do bife — suspira Jonathan Novak, exasperado. — É sério, você devia ser modelo. Você *tem* que ser modelo.

Ah, sério. Devo ficar lisonjeada? Ele diz isso porque sou alta. E pelo que sei, a maioria das modelos são altas. Além disso, não há mais nada de modelo em mim. Não sou muito magra, não uso maquiagem, e não saberia diferenciar um Miu Miu de um Miau Miau. Cansei desse cara, ele ficou aqui a noite inteira ocupando a mesa e me impedindo de ter mais um cliente. E como ele vai ser minha única gorjeta na mesa oito essa noite, não vou jogar tudo para o alto agora.





— Não obrigada, não eu — digo suavemente. — Começo a faculdade no outono. Universidade da Pensilvânia, medicina. Vou ser médica, ou talvez nutricionista. — Ele provavelmente acha que sou burra e fico tentada a acrescentar que estou concorrendo a uma bolsa. Claro que já é uma grande coisa eu ter sido aceita para uma faculdade como a Penn. Minha mãe tem um diploma de técnica e meu pai entrou para o Corpo de Bombeiros logo depois do Ensino Médio.

— Nutricionista uma ova — disse Jonathan Novak. — Olha, vou lhe dar meu cartão, mas não me ligue. Prefiro que ligue para as agências diretamente e use meu nome. Deixe-me escrever alguns números no verso, bookers nas melhores agências. Vamos ver... Karen na Elite, definitivamente... E Francesca na Delicious, ela vai devorar... quer dizer, *adorar* você... Ah, e Carlos na Ford. Agora, espero que você ligue para essas pessoas amanhã cedo, e sei que a verei no meu estúdio em breve.

Eu simplesmente adoro quando completos estranhos acham que sabem o que é melhor para mim. Mas seguro a língua por trás do meu sorriso, dou a Jonathan Novak sua conta, e digo da maneira mais charmosa que consigo.

— Bom, foi muito gentil de sua parte, mas se eu fosse você, não contaria com isso, a não ser que Miu Miu comece a desenhar jalecos.